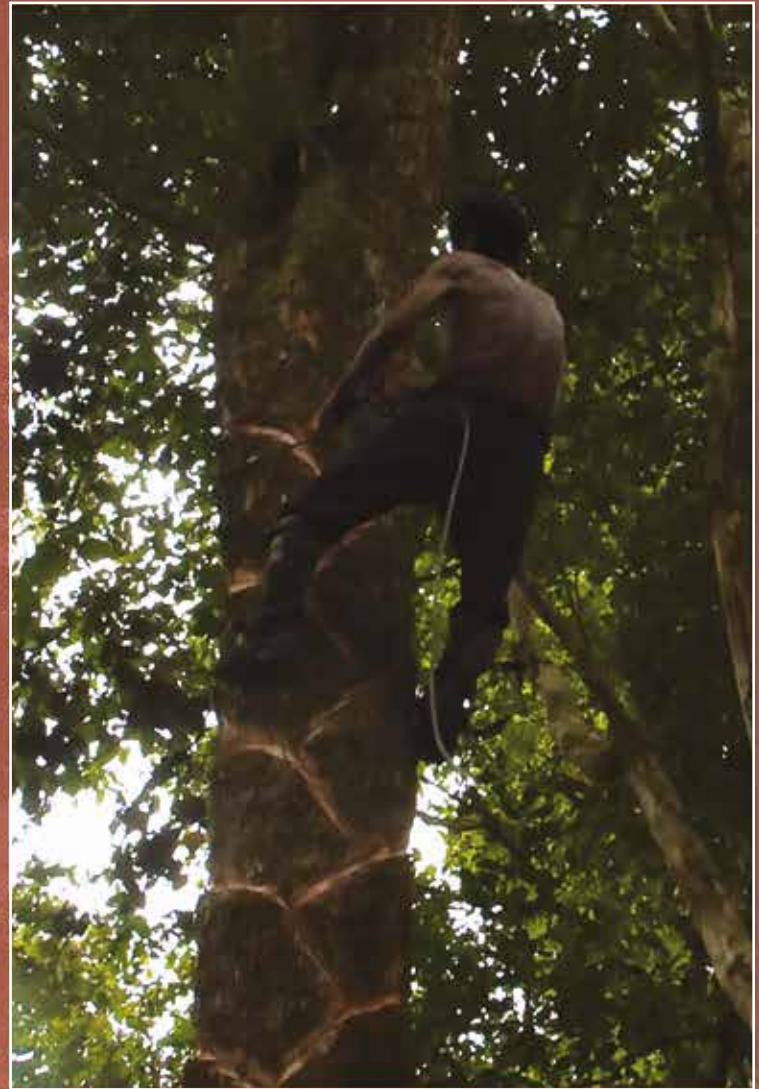


Balata

natureza e cultura
de Monte Alegre

Ufopa | 2017



Balata

natureza e cultura
de Monte Alegre

Sumário

<i>A dor de balateiro é a mesma dor de mulher esquecida.</i> (Elói Monteiro, balateiro).....	5
<i>A balateira é como vaca leiteira.</i> (Sílvio Meira, escritor paraense).....	7
<i>Monte Alegre cheirava a balata.</i> (Oscarino Braga, artesão)	15
<i>Nós é que somos considerados balateiros de Monte Alegre.</i> (Moisés Gomes, balateiro)	31
<i>Ninguém tem passe livre!</i> (Delival Batista, Bojó, balateiro).....	38
<i>Tudo era farto...</i> (José Assunção, balateiro).....	45
<i>A balata não tinha ciência nem segredo.</i> (Antônio Barbosa, Pixuna, balateiro)	55
<i>João Boi foi meu segundo pai.</i> (Paulo Baía, artesão)	64
<i>Procuro sempre inovar.</i> (Darlindo Oliveira, artesão).....	70
<i>Vivo só de balata.</i> (Antônio Braga, Pitonho, artesão)	74
<i>Balateiros</i>	76

4



Coruja de balata. Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

A dor de balateiro é a mesma dor de mulher esquecida.

(Elói Monteiro, balateiro)

5

A exposição *Balata: natureza e cultura de Monte Alegre* foi concebida a partir das interlocuções de pesquisadores do Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia, da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), com dezenas de balateiros ativos e inativos de Monte Alegre, no Pará, atualmente reunidos na Associação dos Balateiros da Calha Norte. Da mesma forma, contribuem para esta mostra as pesquisas realizadas junto a balateiros dos municípios de Alenquer e Almeirim. Trata-se de uma ação, entre outras, destinada a tirar do esquecimento esse grupo de



*José Santana (Zeca) cortando uma balateira.
Foto: Itajury Sena Kishi*

extrativistas, focando as dimensões de natureza e cultura que seu trabalho conecta.

Uma vez que a balata (tipo de látex) chegou a ser um dos principais produtos de exportação do Pará, mas perdeu seu valor comercial, destinando-se agora apenas à confecção de artesanato, esta mostra pretende reavivar memórias, valorizar os ofícios relativos a essa matéria-prima e contribuir para a efetivação de direitos culturais e socioambientais de balateiros e artesãos. É também um

movimento que resulta na difusão do patrimônio cultural do Pará, na medida em que o artesanato em balata foi reconhecido como tal pelo Estado, em 2014.

6 A mostra compreende, basicamente, dois tipos de trabalho desenvolvidos com o látex da balateira (*Manilkara bidentata*). Primeiramente, dá ênfase ao ofício dos poucos balateiros em atividade hoje em dia, que garantem o fornecimento de toda a matéria-prima usada no referido artesanato. Remonta, também, a um passado relativamente próximo, quando centenas de homens — e algumas mulheres — trabalhavam na extração de balata para abastecer indústrias norte-americanas e europeias.

Por fim, contempla o trabalho dos artesãos que transformam o látex em lindas miniaturas representativas da fauna e de tipos sociais da Amazônia.

Em suma, esta exposição entremeia dimensões naturais e culturais dos ofícios ligados à balata, colocando em foco, ao mesmo tempo: a árvore, os balatais, o histórico de exploração da matéria-prima, o perfil dos balateiros, as práticas e os arranjos que realizam para continuarem exercendo o extrativismo no contexto contemporâneo de restrições ambientais, assim como as origens, o repertório e os modos de fazer artesanato em balata.

A balateira é como vaca leiteira.

(Sílvio Meira, escritor paraense)

7

A balateira é uma árvore de grande porte cujo tronco de madeira avermelhada, forte e resistente pode chegar a 40 metros de altura. Nativa da Amazônia, ela aparece em reboleiras nas florestas acima da margem esquerda do rio Amazonas. Os balatais se concentram no alto curso encachoeirado de afluentes como o Cuminá, o Curuá, o Maicuru, o Paru e o Jari, e de igarapés que neles desembocam.

ALMERIM - RIO PARU: CACHOEIRAS DESSE		ALTO PARU: BARRIO	
Cachoeiras do PARU		mita	66
BELA AUREA	38	C'INAE (S'GANT)	65
Curupuru	37	Tapari	64
Boca M'AA'IA	36	BURU	63
Furo do P'AGAL	35	Travessô Anatum	62
Jauri	34	CUMARU	61
BALATEIRA x Inconiza	33	XAMUAN	x
Buriti - Puci	32	Ponizins 'Jg'	60
Magangau cima	31	Tapireta	59
Furo Magangau	30	Turi - Zuido	58
Travessô Boa Maduara	29	TURÉ	57
Tabela	28	M'CAMARA	56
Condado Capaci	27	COJUM (S'GANT)	55
Cupimara	26	Jocodoci	54
Boca do PARU novo	25	Turipaci	53
CO'OKO	24	PANOTOMAN	52
Prata Grande	23	conicome	51
Treço	22	FLAISO	50
Matani	21	Puriqui K'UANO	49
MARANANA - S'GANT	20	Qucha R'AIRO	48
Mecanaguara	19	B'CALI (S'GANT) (S'GANT) (S'GANT)	47
TAPIA	18	Canari Muripara	46
MA'ANI	17	TACAMIBA	45
P'ACIOSA	16	TAPICA	44
PLANTA	15	TAPICATA	43
Piramba - Ueri	14	KALAUANA	42
Chapu	13	Molha TAPIMAN	41
KALAUARA	12	Poço Apui	40
Sipi	11	S'ZINHA	39
Jari	10	BURU	
P'ACUKI	9		
Travessô do M'P'U'U'U	8		
MAMONANA	7		
MURICA	6		
Agua Fria	5		
P'ILAU'IA	4		
PARU TAPUA	3		
TAPURI - PUCI	2		
PARUAMA	1		

Cachoeiras do rio Paru, listadas e numeradas em ordem de ocorrência (a montante) pelo balateiro Sebastião Lobo

8



Pedral do rio Maicuru. Foto: Itajury Sena Kishi

As folhas alongadas e ovaladas da balateira se abrem no período de estiagem, junto com as flores. Já os frutos, aparecem na estação chuvosa e servem de alimento para a fauna local. Seu látex, ou leite, como chamam os extrativistas, também é mais farto na época das chuvas (SOUZA, 2017). Segundo Le Cointe (1947, p. 41), o rendimento de látex da balateira é de, “no mínimo, um quilo de balata por árvore sangrada, 1/3 de circunferência, de três em três anos”.

- 9 *A balateira é que nem uma castanheira, no alto de um castelo. É um pau da casca grossa, grande. Não dá nessas áreas aqui, só dá para os altos. Não se adapta de jeito nenhum [...] Eu cheguei a trazer filho de balata dos altos e plantar aqui, e não deu! O balatal só dá acima das cachoeiras.*
(Pompílio Góes, patrão)



Paisagem da floresta.

Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan



*Látex da balateira escorrendo pelos cortes.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan*

Nunca se tira todo o leite. O bom vaqueiro deixa sempre um pouco no ubre para o bezerro e para que a própria árvore não enfraqueça.
(Sílvio Meira, escritor paraense)

Contendo resina e guta, o látex da balateira constitui matéria-prima maleável e propícia à aplicação industrial, motivo pelo qual foi amplamente usado na fabricação de correias de transmissão, materiais telefônicos, odontológicos, isolantes, eletrônicos e de iluminação, bem como de solas, polias, bolas de golfe e outros objetos não vulcanizados.

Para atender a demanda das indústrias estrangeiras, milhares de homens trabalharam na extração de balata na Amazônia, destacadamente nos municípios paraenses de Monte Alegre, Alenquer e Almeirim; mas também em Óbidos (SIMONIAN, 2001) e Abaetetuba (IDESP, 1986), embora em menor número.

Toda balateira é marcada, que os balateiros sangravam tirando o leite dela. Só não têm marca aquelas que eram novinhas, mas agora já estão grandes [...] Balateira com marca, todo balateiro conhece. Elas têm muitos cortes. Caindo as cascas, vão aparecendo os sinais dos golpes.
(José Santana, Zeca, balateiro)

11



*Látex da balateira. Foto: Francisco Moreira da Costa.
Acervo CNFCP/Iphan*



*Balateiras marcadas por cortes antigos.
Foto: Itajury Sena Kishi*

Comecei a trabalhar com balata no Paru, quando eu tinha 18 anos. Meu pai e meu irmão cortavam balata. Além do Paru, também trabalhei no Jari e no Maicuru. Nesses lugares tem balata que não acaba mais.
(Francisco Caldas, Mandinho, balateiro)

*Só bastava eu fazer contato com os
balateiros; vinha gente de todo canto.
Eu não aviava mais porque já não podia.*
(Pompílio Góes, patrão)

Os balatais eram vários e fartos, e os balateiros, ainda mais numerosos, pois não havia opções de trabalho e renda suficientes para ocupar a população da região. O monte-alegrense Cristóvão Lins, engenheiro agrônomo e autor de estudos sobre o Baixo Amazonas, mencionou cerca de 500 balateiros trabalhando em Almeirim entre os anos 1940 e 1960, quando a exploração de balata estava em alta (LINS, 2001).

*Eu fui balateiro, cortei balata. Todos da
minha família eram balateiros. Comecei a
trabalhar com 12 anos, no Paru.
Balata sempre tem, nunca acaba.*
(Francisco dos Santos, Bacurau, balateiro)

Em 1989, após o declínio da atividade, Sally Koehn, integrante da missão evangélica do Summer Institute of Linguistics (SIL), estimou que houvesse cerca de 100 balateiros no rio Paru, os quais teriam sido os primeiros não índios a estabelecer contato com os povos Apalai e Wayana (LOPES, 1994).

*Certa vez, vivi nove meses numa aldeia
porque os índios me agarraram.
Eu sentia saudade de vir embora,
mas não tinha chance. Uma noite,
eu fugi deles e ganhei o mato.
Eu levo na gíria dos índios.*
(Pedro Ferreira, Pão, balateiro)

O trabalho dos balateiros era sangrar árvores ou, como dizem, cortar balata. Uma vez coletado o leite, preparavam-no em blocos de balata para entregar aos seus patrões, depois de passarem pelo menos seis meses seguidos na floresta.



*Balateiros de Monte Alegre em audiência com a Defensoria Pública do Estado do Pará em 2010.
Foto: Alexandre Nazareth da Rocha*



Paisagem de Monte Alegre. Foto: Luciana Gonçalves de Carvalho

Monte Alegre cheirava a balata.

(Oscarino Braga, artesão)

15

Os anos 1930 a 1970 corresponderam ao auge da exploração de balata, que chegou a ser um dos principais produtos de exportação do estado do Pará. Nessa época, em torno de 400 toneladas de látex saíam do Baixo Amazonas todo ano, via portos de Belém e Manaus, com destino aos Estados Unidos e à Europa.



Paisagem de Monte Alegre.

Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

*Uma expedição durava seis, sete,
oito meses, dependendo da distância.*

*Cada companheiro de turma fazia
só de tonelada para frente.*

*Dizem que a balata ia para os
americanos, nos Estados Unidos.*

Já o preço dela, não lembro.

(Raimundo Santana, Debeira, balateiro)

A cobiçada balata unia uma extensa rede de extrativistas nativos e comerciantes em relações de trabalho, comércio e dívida baseadas no sistema de aviamento, popularmente chamado aviação.

O que era a aviação? Aviação é aquilo que fornece. O balateiro pegava dinheiro, o abono para deixar para a família. Quando chegava lá, ele tirava todo o mantimento para passar cinco, seis, sete meses no balatal para fazer a extração.
(Nelson Santiago, patrão)

Na prática, aviar significa adiantar mercadorias ou dinheiro (o chamado abono) para o extrativista, que se torna, assim, um aviado e, ao mesmo tempo, um endividado.

Os patrões forneciam toda a mercadoria que íamos precisar: espora, cinturão, francalete, camisa de mescla, terçado, mosquiteiro, espingarda, munição, farinha, café, açúcar e sabão. Davam também abono para as nossas mulheres.
(Mário Moraes, Coimbra, balateiro)

Na posição do balateiro, ser aviado implicava, necessariamente, comprometer a destinação da sua produção para quem o aviou, ou seja, o aviador, que é frequentemente referido como patrão.

Trabalhei para várias pessoas: Henrique Souza, Alfredo Gantuss, Estúcio Sadala, mas nunca trabalhei para empresas. A balata era vendida, mas eu não lembro o preço.
(Columbiano Gama, balateiro)

Alguns pagamentos pelos produtos poderia ser devido ou não, dependendo da quantidade entregue ao patrão pelo extrativista e do montante dos débitos por ele contraídos antes da expedição.

Na preparação para a viagem, o patrão vendia a mercadoria para a gente e o barco levava. Ele acertava com a gente, e, quando a balata vinha, ele recebia.

Em troca, nos davam dinheiro.

(Dionísio Torres, balateiro)

Esse sistema de adiantamento de mercadorias trazia até as comunidades rurais e ribeirinhas da Amazônia mercadorias industrializadas às quais dificilmente se tinha acesso na região (ARAMBURU, 1992). Na via inversa, fazia circular para outros estados e para fora do Brasil vários gêneros da floresta distante: seringa, castanha, óleos, peles e couros de animais, bem como balata e outros produtos não madeireiros.

17

Nota de mercadorias		L. de Fornecão de 10/3	
João Batista		Comp.	
1	L. de Fornecão		5000
2	L. de Fornecão		1000
3	L. de Fornecão		1000
4	L. de Fornecão		1000
5	L. de Fornecão		1000
6	L. de Fornecão		1000
7	L. de Fornecão		1000
8	L. de Fornecão		1000
9	L. de Fornecão		1000
10	L. de Fornecão		1000
11	L. de Fornecão		1000
12	L. de Fornecão		1000
13	L. de Fornecão		1000
14	L. de Fornecão		1000
15	L. de Fornecão		1000
16	L. de Fornecão		1000
17	L. de Fornecão		1000
18	L. de Fornecão		1000
19	L. de Fornecão		1000
20	L. de Fornecão		1000
21	L. de Fornecão		1000
22	L. de Fornecão		1000
23	L. de Fornecão		1000
24	L. de Fornecão		1000
25	L. de Fornecão		1000
26	L. de Fornecão		1000
27	L. de Fornecão		1000
28	L. de Fornecão		1000
29	L. de Fornecão		1000
30	L. de Fornecão		1000
31	L. de Fornecão		1000
32	L. de Fornecão		1000
33	L. de Fornecão		1000
34	L. de Fornecão		1000
35	L. de Fornecão		1000
36	L. de Fornecão		1000
37	L. de Fornecão		1000
38	L. de Fornecão		1000
39	L. de Fornecão		1000
40	L. de Fornecão		1000
41	L. de Fornecão		1000
42	L. de Fornecão		1000
43	L. de Fornecão		1000
44	L. de Fornecão		1000
45	L. de Fornecão		1000
46	L. de Fornecão		1000
47	L. de Fornecão		1000
48	L. de Fornecão		1000
49	L. de Fornecão		1000
50	L. de Fornecão		1000
51	L. de Fornecão		1000
52	L. de Fornecão		1000
53	L. de Fornecão		1000
54	L. de Fornecão		1000
55	L. de Fornecão		1000
56	L. de Fornecão		1000
57	L. de Fornecão		1000
58	L. de Fornecão		1000
59	L. de Fornecão		1000
60	L. de Fornecão		1000
61	L. de Fornecão		1000
62	L. de Fornecão		1000
63	L. de Fornecão		1000
64	L. de Fornecão		1000
65	L. de Fornecão		1000
66	L. de Fornecão		1000
67	L. de Fornecão		1000
68	L. de Fornecão		1000
69	L. de Fornecão		1000
70	L. de Fornecão		1000
71	L. de Fornecão		1000
72	L. de Fornecão		1000
73	L. de Fornecão		1000
74	L. de Fornecão		1000
75	L. de Fornecão		1000
76	L. de Fornecão		1000
77	L. de Fornecão		1000
78	L. de Fornecão		1000
79	L. de Fornecão		1000
80	L. de Fornecão		1000
81	L. de Fornecão		1000
82	L. de Fornecão		1000
83	L. de Fornecão		1000
84	L. de Fornecão		1000
85	L. de Fornecão		1000
86	L. de Fornecão		1000
87	L. de Fornecão		1000
88	L. de Fornecão		1000
89	L. de Fornecão		1000
90	L. de Fornecão		1000
91	L. de Fornecão		1000
92	L. de Fornecão		1000
93	L. de Fornecão		1000
94	L. de Fornecão		1000
95	L. de Fornecão		1000
96	L. de Fornecão		1000
97	L. de Fornecão		1000
98	L. de Fornecão		1000
99	L. de Fornecão		1000
100	L. de Fornecão		1000

Nota de mercadorias aviadas pelo balateiro João Batista. Foto: Alexandre Nazareth da Rocha



18

Comércio local.

Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

Eles aviavam a gente, e, quando a gente chegava, a balata já passava direto para eles. Cada um deles tinha um número, que a gente colocava no fundo da caixa e derramava a balata em cima. Assim, o bloco já ficava com o número do patrão.

(João da Silva, balateiro)

Mais que um sistema de trocas que regeu (e ainda rege, em alguns casos) a exploração de vários gêneros extrativistas, colocando em contato direto ou indireto populações locais e o mercado externo, o aviamento constituiu uma verdadeira instituição na Amazônia (MIYAZAKI; ONO, 1958; WAGLEY, 1977).

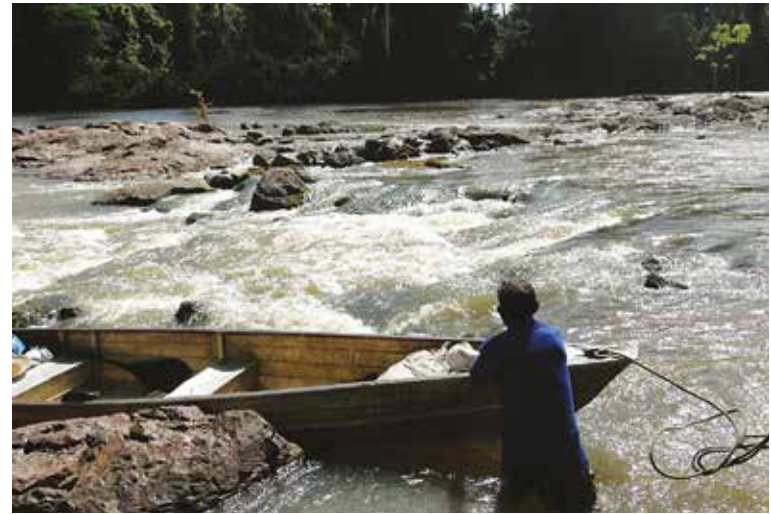
Segundo o antropólogo Charles Wagley (1977, p. 108), tratou-se de um padrão de “relações tradicionais entre comerciantes e fregueses, constituindo um forte elo social e econômico”, alimentado por laços de lealdade, confiança, ajuda mútua e noções de honra e prestígio.

Os homens da balata iam à minha casa, e comiam com a gente. Eu conversava com eles, mas não prestava muita atenção, porque eu era criança. Os balateiros gostavam muito do meu pai.

Ele os pagava direitinho. Também ia muita gente dos Estados Unidos à minha casa. Falavam muito enrolado, eu não compreendia nada. Mas havia uns que falavam bem. Como eu era criança, também tinha medo deles. Eles compravam a balata. iam levando tudo. Não me lembro bem, mas acho que eles levavam de avião ou de navio.

19 (Iza Souza, filha de patrão)

No caso da balata, o sistema articulou cadeias de patrões, desde o comerciante estrangeiro até os regatões no interior do Pará, passando pela capital e por Manaus, no Amazonas. Esses patrões relacionavam-se, entre si, por meio do mesmo sistema de trocas a crédito que se estabelecia com os extrativistas.



*Delival Batista (Bojó) tentando passar a embarcação pela corredeira.
Foto: Itajury Sena Kishi*

*Quando acontecia do balateiro se alagar e perdia tudinho, só ficava com a roupa do corpo, o que que eu fazia? "Vamos enfrentar a vida juntos eu te ajudo de novo!" Adiantava dez, quinze, vinte mil cruzeiros, na época. Eu aviava de novo, e teve gente que pagava as duas contas e ainda sobrava.
(Pompílio Góes, patrão)*

Acredito que, em Monte Alegre, Almeirim, é assim: eles eram patrões, mas não eram autônomos; sempre tinham um superior lá em cima que os financiavam. Tinha que ter um intermediário, que era um homem de grandes méritos. E precisava ser alguém com um patrimônio grande, para poder pegar um financiamento bom, então depois disso ele financiava os patrões menores.

(Nelson Santiago, patrão)

Os comerciantes estrangeiros encomendavam a balata e forneciam aos seus representantes em Belém (patrões regionais) produtos industrializados e manufaturados, que eles repassavam aos patrões locais, no interior do Pará. Eles, então, vendiam esses produtos a crédito em peque-

nos comércios próprios e/ou por intermédio dos regatões¹ que, embarcados em batelões,² subiam rios e igarapés até as áreas mais interioranas.

Primeiro, a gente se preparava, comprava todos os materiais. Comprava as roupas de mescla e brim. O patrão aviava tudo, a gente não se preocupava com nada. Ele mandava os empregados dele colocarem a mercadoria na canoa. E a gente ia. Numa semana, iam umas quatro canoas, na outra semana ia mais um bocado.

(Antônio Barbosa, Pixuna, balateiro)

¹ Comerciantes ambulantes.

² Embarcação de fundo chato e pequeno calado, própria para navegar em águas rasas e próximo às margens de rios, lagos e lagoas.

No comércio dos patrões e junto aos regatões a seu serviço, os balateiros adquiriam gêneros alimentícios, medicamentos, instrumentos de trabalho, ferramentas, roupas, calçados e até mesmo adiantamentos em dinheiro. Um funcionário cuidava de tomar nota das aquisições em livros-caixa.

O escrivão era quem me auxiliava.

A função dele era só a escrita.

Ele era quem organizava as contas

21 *dos balateiros, anotava tudo. Porque, quando os balateiros subiam, ficava muito serviço para tirar aquelas contas todas, somar, multiplicar aqueles talões grandes. Tinha um livro grande, um "capa-preta" que se chamava conta corrente! Nele constava débito, crédito e saldo. Então, tinha que fazer toda aquela contabilidade, esse era o trabalho dele.*

(Nelson Santiago, patrão)

Nota de mercadorias aviadas pelo balateiro Raimundo Santana.		Nº 1
O Snr.	Raimundo Santana	
	da 1976	
	Compr.	
1	passoquin branca	1,25,000
1	equipada branca 25	750,000
1	de palmeira	180,000
2	de chumbo	45,000
2	caixa de papelão	60,000
15	caixas de papelão	125,000
2	branco de leite	440,000
2	terçado 1,28	250,000
2	" 1,27	250,000
2	pechetas	26,000
1	caixa de papelão	150,000
1	caixa de papelão	210,000
1	caixa de papelão	200,000
1/2	caixa de papelão	40,000
2	caixa de papelão	100,000
2	caixa de papelão	200,000
6	caixa de papelão	280,000
2	caixa de papelão	70,000
2	caixa de papelão	30,000
2	caixa de papelão	100,000
2	caixa de papelão	200,000
6	caixa de papelão	200,000
2	caixa de papelão	50,000
2	caixa de papelão	10,000
1	caixa de papelão	3,000
1	caixa de papelão	10,000
1	caixa de papelão	10,000
Total		4,525,000

Nota de mercadorias aviadas pelo balateiro Raimundo Santana.
Foto: Alexandre Nazareth da Rocha



Trapique de Monte Alegre. Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

Quando os balateiros voltavam da floresta, sua chegada era comemorada com fogos de artifício e festas em bares e bordéis. A balata era transportada diretamente para os trapiches ou galpões dos patrões, onde era pesada e armazenada até ser embarcada para os compradores. Enquanto alguns iam festejar, outros permaneciam nesses galpões até o fim da pesagem e conferência dos blocos, quando seriam pagos no caso de haver saldo.

- 23 *Quando chegavam do balatal, tiravam os blocos e guardavam em casa, em um barracão coberto, grande, que o papai fazia para os balateiros. Lá eles ficavam morando, até que os blocos fossem mandados para os Estados Unidos. Esse pessoal dos Estados Unidos já vinha informado que o papai trabalhava com a balata. Aí eles iam direto para o barracão em nossa casa, e ficava cheia de gente.*
(Iza Souza, filha de patrão)

Os patrões davam toda a mercadoria necessária para a viagem: bota, roupa, espingarda... Ainda tenho essa espingarda! Também chegavam a dar abono para as nossas mulheres se manterem até a gente chegar. Até boi a gente levava. Henrique Souza era quem matava e colocava cada banda do boi em uma canoa. Quando a mercadoria acabava, o encarregado tinha que descer a balata e buscar mais mercadoria para a gente.
(Manoel de Moura, Pombo Roxo, balateiro)

Balateiros e patrões raramente mantinham contato direto até mesmo nos galpões. Quem cuidava de todos os aspectos e tratos com os extrativistas eram funcionários conhecidos como encarregados.

Os encarregados arregimentavam os trabalhadores, intermediavam suas aquisições, conferiam sua produção, resolviam pendências de última hora, atendiam a demandas do balatal e acompanhavam o pagamento — ou não — das dívidas dos extrativistas.

Cada patrão tinha seu galpão. E quando fosse pesar a balata, na hora de ajustar, o patrão dos balateiros não ia ajustar com os balateiros. Quem vai ajustar com os balateiros é o chefe da turma: “Vem cá, fulano, olha, tua balata deu 700 kg, ficaste devendo.” Os patrões não têm nada com os balateiros, têm com o chefe da turma. Então, aquela balata que ele recebe dos balateiros é para pagar a conta dele. O chefe da turma ia ver o peso. O dono da balata mais o chefe

e o representante do patrão. O patrão ficava em terra, na casa do comércio. Quando ia ajustar a conta, o peso da balata, quem ia ajustar era o chefe da turma, não era o balateiro. Porque a conta geral das compras — espingarda, encerado, porca —, tudo ia para a conta do chefe de turma. Terminava de pesar a balata todinha, aí o representante do patrão, o que estava recebendo a balata, entregava a nota lá para o patrão.

(Seu Pedro)

O acerto das contas seguia uma operação matemática simples. Do valor total da balata entregue pelo balateiro abatiam-se os débitos contraídos por ele antes de subir para o balatal e/ou por sua família enquanto lá estava. Se o resultado fosse positivo, esse era o saldo que lhe seria pago em espécie.

Naquela época, a balata era muito valorizada. Compensava a gente trabalhar. A vantagem era que, se fizéssemos mais de uma tonelada, tínhamos saldo. O saldo era o que sobrava da quantidade que o patrão houvesse aviado, então essa sobra ou saldo era nosso. E quando chegávamos de volta do balatal, na cidade era conforto e festa. Eu era solteiro, e as mulheres, quem elas mais queriam era balateiro! Era mais quem queria dançar com a gente. Mulher não era problema. Tempo bom já passou... Quando a gente voltava, dava dois, três mil cruzeiros. Mas isso não era nada. O meu irmão, uma vez, fez 2.200 quilos de balata. O senhor Alfredo Gantuss, que era nosso chefe, ficou tão feliz e gratificou muito bem o meu irmão.
(Antônio Barbosa, Pixuna, balateiro)

O patrão tinha a prerrogativa de definir o preço da balata que comprava, o qual, em geral, ficava muito abaixo do preço de revenda e muito aquém das necessidades do extrativista. Por outro lado, os preços das mercadorias que vendia a crédito para o balateiro ficavam acima da média paga por outros clientes no mesmo comércio.

O patrão fornecia a mercadoria para a gente poder viajar. Dava espora, cinturão grosso, arame, roupas leves e outras, que eram de mescla, esporas, barras de ferro. Mas era ele quem dava seu preço, assim que a gente chegava. De um valor eles cobravam quatro, cinco vezes mais para a gente. Assim: se um objeto custava 10 reais, então, para nós levarmos, eles cobravam 45 reais.
(Manoel Costa, balateiro)

Gêneros	Preço Local (CR\$)	Preço Balateiro (CR\$)	% a mais
Açúcar	4,00	10,00	250
Café	8,00	20,00	250
Feijão	4,00	10,00	250
Farinha (mandioca)	2,50	6,00	240
Sal	2,00	5,00	250
Charque	18,00	45,00	250

Fonte: SANTOS, 1980, p. 80

26

Quando terminava o dinheiro, o balateiro, sem cabeça, já ia ao patrão! E o patrão dava! Se era um balateiro bom, o patrão dava, e ele já se comprometia a- ir na próxima expedição para pagar o que pegava. Para outros balateiros, o patrão dava dinheiro todo mês. A gente devia muito, mas saldava.
(Manoel de Cristo, Luci, balateiro)

Embora os extrativistas ficassem muito satisfeitos sempre que tivessem saldo na produção de balata e voltassem para casa com algum dinheiro, o que ganhavam nunca durava tempo o bastante para evitar a contração de novas dívidas.

Quando tirava saldo, ia gastar com as fêmeas; quando não tirava saldo, ia para a juquira,³ roçar o mato.
(Nelson Batista, Negão, balateiro)

Também não era raro que os extrativistas encerrassem a safra de balata sem saldo algum. O balateiro que incorresse nessa situação ficava, automaticamente, comprometido a ir cortar balata para o mesmo patrão no ano seguinte. Todavia, frequentemente, seu crédito era mantido até mesmo enquanto houvesse pendências com o patrão.

³ Mato que cresce no campo.

Chegava lá, não tinha trabalho, até que o patrão dava dinheiro de novo, para descontar quando eu voltasse para o balatal. Eu já ia para o balatal devendo para o patrão.

(José Lourenço Pereira, Zé Arigó, balateiro)

27

Depois de voltar para casa, não tínhamos mais serviço. Naquela época, era muito ruim de emprego. A gente ia pescar para sustentar a família. Quem não tinha família, ficava na porta do patrão todo o dia pedindo dinheiro para ficar na sem-vergonhice [...] Mas a coisa mais difícil era não ter saldo, até porque o patrão nos amparava nessas situações de dificuldade.
(Manoel Ferreira, Manezinho, balateiro)

Na ausência de outras fontes de renda, o comércio do patrão, independentemente dos preços de seus produtos, era o que garantia o abastecimento de alimentos, remédios e até dinheiro, quando necessário.

O dinheiro vinha na forma de abono, principalmente para os bons balateiros, que eram conhecidos pelo volume da sua produção.

O que produzia mais, era mais trabalhador, recebia um abono maior; digamos que quinhentos reais, por exemplo. Quem produzia menos, recebia menos; cinquenta reais, digamos. E tinha aqueles que faziam uma produção média, que também ganhavam de forma proporcional. Era assim, não tinha uma quantia fixa para todos.

(Nelson Santiago, patrão)

Assentando seus lucros nesse sistema de aviamento, do interior do Pará os patrões enviavam os blocos de balata para os respectivos fornecedores, sediados nas capitais. Estes, por sua vez, forneciam a matéria-prima para os representantes dos compradores internacionais ou a embarcavam diretamente para o exterior. Desse modo, cada elo da cadeia saldava suas dívidas com o credor mais próximo.

28

O patrão passava todinhos esses meses pedindo mercadoria de Belém. Quando era em janeiro, tinha [os navios] Cisne Branco, tinha Sobral Santos, tinha Sindicato, tinha Alegria... Já vinham com mercadoria para entregar em Almeirim, Monte Alegre, Alenquer e assim sucessivamente. Quando era em outubro: "Venham! Vamos ajustar." Já estava tudo copiado no livrão dele: "Dia tal, eu mandei no navio fulano de tal... Tantas toneladas de balata!" Era

trocado, produto por produto. Não era um retalhamento não, era produto por produto. O negócio era a balata! E também, todo mês de outubro de cada ano, os chefes dos balateiros baixavam para acertar as contas com o patrão deles lá em Belém. Chegavam lá em Belém para ajustar, mas eram muitos, era de Almeirim, era de Monte Alegre, de Prainha, de Alenquer... Era de tudo.
(Seu Pedro)

Ciente da exploração que sofriam, alguns balateiros, segundo se conta, misturavam pedaços de pau, pedras e outros tipos de látex nos blocos de balata para torná-los mais pesados e aumentar os ganhos junto ao patrão. Porém, com a qualidade comprometida, esses blocos passaram a ser rejeitados pelos compradores internacionais ao mesmo tempo que estes encontravam outras matérias-primas em substituição à balata.

Chegou a um ponto que os compradores já não queriam comprar, pararam de fazer os pedidos, e também pelo fato de que financiar balateiros aqui é muito caro. Depois foi acontecendo de encontrarem novos tipos de látex e isso foi facilitando para os compradores, que foram perdendo o interesse pelo produto daqui.

29 (Roselita Santiago, esposa de patrão)

Enfim, a partir da década de 1970, materiais sintéticos obtidos a custos mais baixos começaram a substituir a balata no mercado internacional. O apodrecimento de blocos nos portos de Manaus a Belém, marcou o fim desse empreendimento amazônico.

Aristobulo Margalho
COMERCiante
Estr. Tereza - MARGALHO
Manaus - PARÁ - BRASIL

Monte-Alt. av. 15 de Setembro de 1946

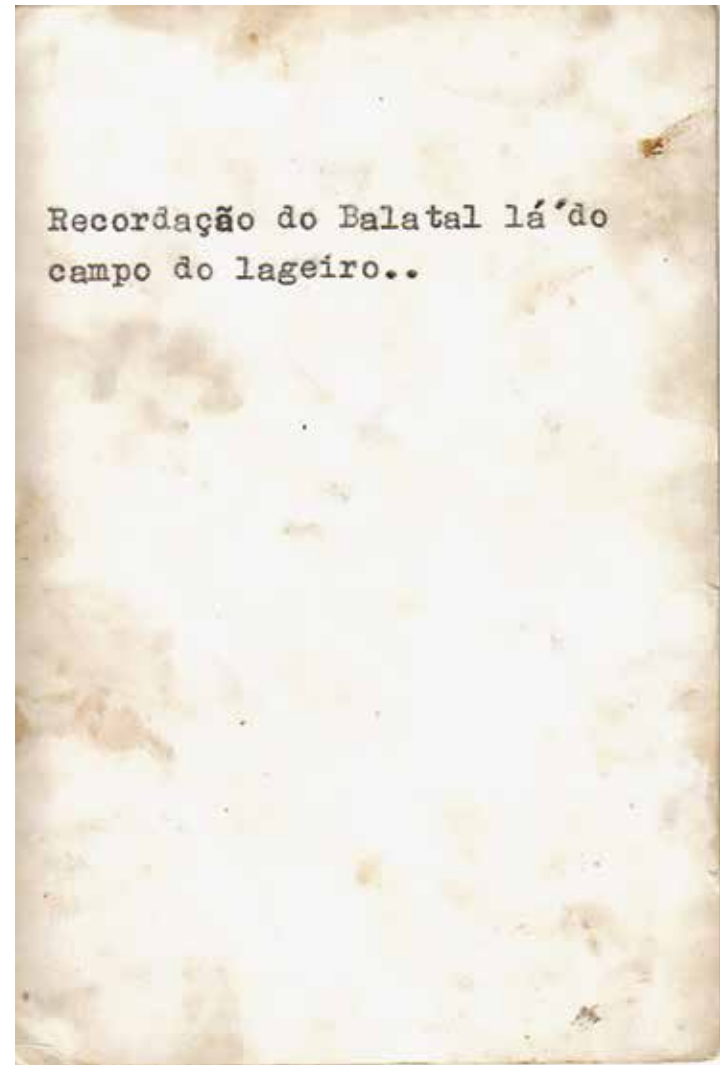
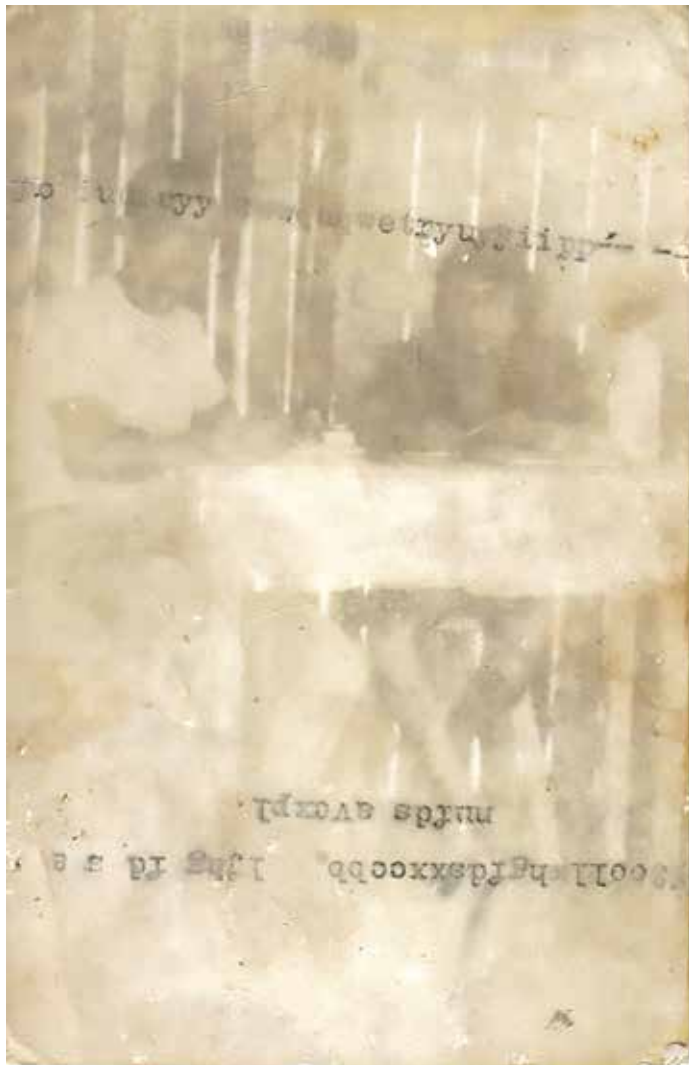
O Sr. Moisés Gomes
em conta corrente com

Aristobulo Margalho

		DEVE	HAVER
Fevereiro 14	Importancia látex nº 1	4.589,15	
	Importancia látex nº 2	1.195,00	
	Parte em cancha entregue por		
	Estadístico	118,00	
	14 dias de trabalho no transporte	117,00	
	de mercadorias do Sr. Moisés		
	ao Moisés		370,00
	5 blocos de látex de produção		
	de Moisés para o Sr. Moisés		
	de Moisés para o Sr. Moisés		
	de Moisés para o Sr. Moisés		
	4 blocos de látex nº 2		1.140,00
	entregue no Sr. Moisés no preço		
	de Moisés		670,00
	Salário de um mês		482,00

171
311
482

Nota de mercadorias aviadas pelo balateiro Moisés Gomes. Foto: Alexandre Nazareth da Rocha



Documento apresentado em processo de pensão. Acervo particular

Nós é que somos considerados balateiros de Monte Alegre.

(Moisés Gomes, balateiro)

31

Quando a balata perdeu valor no mercado internacional, os balateiros se viram sem função e esquecidos pelos patrões, pela sociedade local, que antes os festejava, e pelo Estado do Pará, que angariou divisas com seus trabalhos.

Para começar, os patrões não lhes davam mais crédito. Alguns deles faliram, principalmente aqueles que não puderam migrar para o comércio de outros recursos florestais baseados no aviamento.

Meu pai trabalhou com a balata muitos anos. Depois de velho, parou. Minha mãe foi quem continuou como patroa dos balateiros. Minha irmã também ajudava a cuidar do trabalho com a balata, mas parou porque se atrapalhava com as contas, que eram muitas. Quando o comércio da balata estava para terminar, meu pai vendeu e acabou com a balata, com tudo. Vendeu até a casa do Cuçaru.

(Iza Souza, filha de patrão)

O dinheiro em circulação ficou escasso, o poder aquisitivo dos balateiros decaiu, e, então, eles tiveram de se dedicar a outros trabalhos menos rentáveis que praticavam entre uma expedição e outra: faziam roça, pescavam, produziam carvão, trabalhavam como pedreiro, mecânico, oleiro, garimpeiro e em outros serviços esporádicos.

O trabalho era pesado, e ainda tinha muita onça! Era perigoso também. Tantas coisas que a gente lembra... Você enxergava até onde a vista desse. Lembranças bonitas! Não era como o campo não, o campo é uma coisa que o homem faz. Já aquela coisa linda lá...
(Manoel de Cristo, Luci, balateiro)

32 A fama também abandonou os balateiros. Não havia mais o prestígio e nem as comemorações de outrora, que eram feitas nas partidas e chegadas de suas expedições. Apesar do serviço duro e da exploração do seu trabalho, a saudade do balatal apertava o coração de muitos extrativistas que ficaram longe da floresta.

A saúde ficava por conta de Deus. Sempre acontecia de morrer gente, e a gente enterrava. Quando adoecia, era para morrer mesmo, porque não dava tempo de levar para a cidade. Minha última expedição foi em 1977, não fui mais desde então. Hoje eu sou aposentado, mas não pela balata.
(Manoel dos Santos, Duca)

Pouco a pouco, os balatais onde haviam passado tanto tempo de suas vidas se tornavam locais ainda mais distantes e até inacessíveis, conforme os anos se passavam e a idade avançava.

Trabalhei por 28 anos na balata e há 40 anos não vou a um balatal.
(Juraci da Silva, Paçoca, balateiro)

Todo o trabalho investido na produção da balata não garantia aposentadoria ou qualquer outro benefício aos balateiros — muitos dos quais sofreram acidentes e mutilações — nem aos herdeiros daqueles que haviam morrido nos balatais.

Parei de trabalhar com balata no tempo em que pararam de aviar, há quase 30 anos. Desde esse tempo nunca mais fui para lá. Ensinei a algumas pessoas o

33

ofício, uns brabos⁴ que cortavam com a gente. Quando terminava a expedição eu ia trabalhar, roçar, pescar até o patrão avisar: “Tal mês a gente vai subir!”

(Raimundo de Sousa Filho, General,
balateiro)

⁴ Brabo é o balateiro iniciante, que não domina o ofício de cortar balata, não sabe subir na balateira nem preparar o látex em blocos. Em regra, os brabos são ensinados e treinados pelos balateiros experientes, denominados mansos. Por isso, também se diz que são amansados.

Um alento chegou com a pensão vitalícia prevista pelo artigo nº 54 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988 para os soldados da borracha — aqueles que trabalharam na extração da seringa e materiais similares, como a balata, entre 1943 e 1946, contribuindo para os esforços de guerra. Embora, seguindo o ADCT, a Lei nº 7.986/1989 tenha estipulado o pagamento da pensão, popularmente referida como aposentadoria, a maioria dos balateiros não conseguiu ter acesso a ela. Muitos nem sequer tomaram conhecimento desse direito ou de como proceder para efetivá-lo. Porém, denunciam que a pensão foi dada a diversos patrões que nunca chegaram a ver uma balateira, graças às articulações desses sujeitos com políticos locais.

STPA, 21.06.95
 Drº Lígia Braga.
 O Sr. Domingos Rodrigues
 dos Santos, DECLARA
 que trabalhou na
 extração de Borracha
 tipo BALATA no período
 1939 à 1950 nos
 Seringais do Rio Paru
 Jari e Maicuru.
 O referido apresenta
 na testemunhas da
 época
 grats.
 Nivaldo A. dos Reis.

Documento apresentado em processo de
 pensão. Acervo particular

Fui balateiro e trabalhei por conta própria, cortando balata. Comecei aqui no Maicuru em 1943, quando tinha 13 anos de idade. Aprendi com os balateiros mesmo, enquanto eu subia [...]. Em 1975, eu vendi balata por até 18 cruzeiros o quilo. A última vez que fui a uma expedição ao balatal foi nesse ano. Foram bons os trabalhos que fiz. Hoje, sou aposentado pela idade.
 (Luís Antônio Vasconcelos, Jacurutu, balateiro)

A dita aposentadoria tornou-se praticamente impossível para os balateiros a partir de 1998, quando a Lei nº 9.711 passou a exigir provas materiais para a concessão do benefício. Uma das provas mais usuais entre os soldados da borracha era a carteira emitida pela Comissão Administra-

tiva do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (Caeta), que conduziu milhares de nordestinos para a Amazônia. Contudo, como os balateiros eram, na maioria, nativos da região, não possuíam esse documento.

Ademais, os contratos de trabalho que os extrativistas faziam com os patrões eram informais, fundamentados em acordos verbais e em noções de lealdade, honra e dívida. Apenas as notas de aviamento, quando devidamente guardadas, puderam sustentar seus processos junto à previdência social.

35

O fato é que a maioria dos balateiros não conseguiu comprovar, por meio de documentos, o trabalho desenvolvido, e por isso não recebeu a pensão vitalícia. Grande parte deles, inclusive, não observa o período a que se refere a lei, restrito aos anos 1943 a 1946, e acaba nutrindo falsas expectativas ou até pagando taxas indevidas com o propósito de conseguir o benefício.



Documento apresentado em processo de pensão. Acervo particular

De par com o envelhecimento biológico, o desuso da função extrativista relegou os balateiros a uma espécie de morte social nas últimas décadas. Relatos registrados junto a mais de cem extrativistas em Monte Alegre, Alenquer e Almeirim traduzem de forma tocante a dor do esquecimento que os aflige na situação de invisibilidade social desde o fim do comércio internacional de balata. Oferecem, também, uma sugestiva associação entre a desvalorização da identidade profissional e a desarticulação dos elementos estruturantes de sua existência social (CARVALHO, 2011; 2013a; 2013b).

Apesar de o extrativismo de balata ser, historicamente, um ofício predominantemente masculino, algumas mulheres foram balateiras, como já mostrou Lígia Simonian (2001; 2006). Essa autora tem se dedicado a investigações sobre relações de trabalho e gênero nos balatais, e enfatizado a importância da mulher nesse universo em que a participação feminina é recorrentemente omitida em pesquisas, textos literários e narrativas de homens.

Comecei na balata com 16 anos, lá no Paru. Meu marido subia na balateira e eu aparava o leite, aprendi isso com os balateiros. O marido se aposentou, depois eu fiquei viúva. A última vez que fui para o balatal já estava com quase 50 anos, no tempo em que fechou a balata; me aposentei como balateira, e também trabalhei com a seringa, eu defumava a seringa.

(Maria Sabina de Magalhães, balateira)

Atualmente, em Monte Alegre, um pequeno grupo de balateiros mantém-se em atividade para abastecer com matéria-prima um artesanato que foi reconhecido como patrimônio cultural do Pará, em 2014. Suas expedições não são tão frequentes como foram no passado, mas a cada dois anos eles sobem o Maicuru para cortar balata.

A gente está tentando resgatar a cultura antiga dos nossos pais, das pessoas, para não deixar acabar, é só por isso mesmo.

(José Santana, Zeca, balateiro)

Naturais do município, os balateiros moram em áreas urbanas e rurais de Monte Alegre, não constituindo um grupo assentado em uma comunidade de base territorial comum. Estudaram pouco e têm baixos rendimentos mensais, geralmente provenientes de trabalhos sazonais na roça, na pesca, na construção civil e no garimpo, quando não estão nos balatais.

Por fim, ao contrário do que fizeram no passado, hoje não estão subordinados ao sistema de aviamento, atribuem preço ao próprio produto e tratam diretamente com os compradores — em regra, os artesãos — e demais in-



Luminato dos Santos, João da Conceição, José Santana (Zeca), Edinaldo dos Santos (Museu) e Delival Batista, balateiros. Foto: Luciana Gonçalves de Carvalho

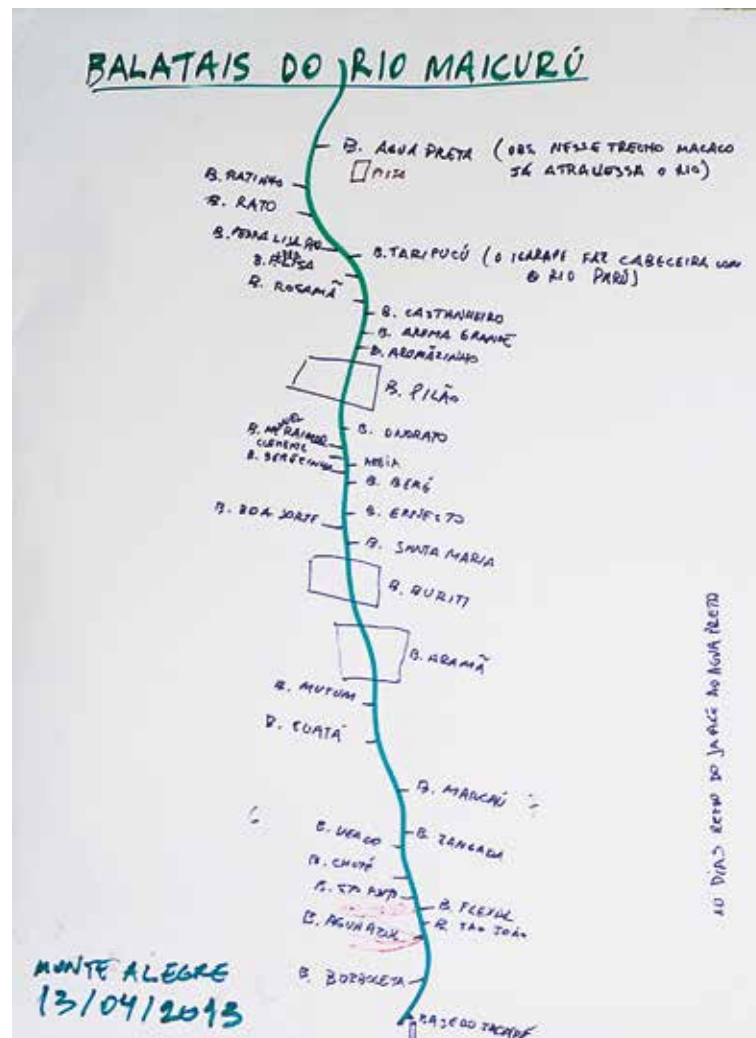
teressados que eventualmente adquirem quantidades de balata para testes de novos produtos com essa matéria-prima. Além disso, estão organizados na Associação dos Balateiros da Calha Norte, por intermédio da qual buscam interlocução com diversos segmentos, a fim de salvaguardar os saberes e fazeres do seu ofício.

Ninguém tem passe livre!

(Delival Batista, Bojó,
balateiro)

38

Os balatais que o grupo atualmente explora ficam em áreas acessíveis a partir do rio Maicuru e seus inúmeros igarapés — na margem direita: Ratinho, Rato, Pedra Lisa, Rosamã, Pilão, Manoel Raimundo, Clemente, Berezinho, Boa Sorte, Buruti, Aramã, Mutum, Coatá, Veado, Chupé, Santo Antônio, Água Azul e Borboleta. Na margem esquerda: Água Preta, Taripucu, Castanheiro, Arumã Grande, Arumãzinho, Pilão, Onorato, Areia, Berá, Ernesto, Buriti, Aramã, Marcação, Jangada, Flexal e São João.



Mapa mental dos balatais do rio Maicuru, feito pelos balateiros.
Foto: Luciana Gonçalves de Carvalho

Desde 2006, essas áreas estão compreendidas nos limites da Floresta Estadual do Paru (Flota do Paru), uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável criada pelo Decreto nº 2.608/2006 com 3,6 milhões de hectares, abrangendo, além de Monte Alegre, porções dos municípios de Almeirim, Alenquer, Óbidos e Prainha.

Outro tempo, a gente ia, chegava lá, trabalhava, sem dizer para ninguém.

39 *Hoje não está mais assim, tem que legalizar tudinho para entrarmos /
egalizados, para ninguém chegar lá e
dizer: "Não pode trabalhar aqui ou
não pode fazer isso ou aquilo."*

(José Santana, Zeca, balateiro)

Nas florestas públicas como a Flota do Paru são permitidas a permanência de comunidades tradicionais residentes quando de sua criação e a exploração econômica de recursos naturais por moradores ou usuários da unidade de conservação, sob regime de manejo sustentável e fiscalização por parte do Estado do Pará. Isso vale tanto para grupos tradicionais como os balateiros — que devem estabelecer termos de uso específicos com o órgão gestor da Flota, o Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (Ideflor-bio) — quanto para empresas escolhidas em editais públicos de licitação das concessões florestais.



Comunidade no entorno da Flota do Paru.

Foto: Luciana Gonçalves de Carvalho

40

Com mais de 40 anos trabalhando com a balata, eu fico meio preocupado.

Vai atingir também o balatal?!

Então, eu acho que a dificuldade maior vai ser a matéria-prima para extrair e para localizar.

(Darlindo Oliveira, artesão)

As concessões florestais correspondem a permissões concedidas pelo Estado para exploração de produtos madeireiros e não madeireiros dentro da unidade de conservação. Elas são previstas na Lei de Gestão de Florestas Públicas, nº 11.284/2006, e ocorrem de forma onerosa para o concessionário, que deve explorar de modo sustentável os produtos e serviços florestais, gerando arrecadação para os cofres públicos.

Quando eu abri o jornal Amazônia e eu vi essa matéria sobre a Flota do Paru, eu fiquei meio triste.

Fiquei pensando: do que será que eu vou viver? Eu espero que não cortem nosso balatal porque, senão, a gente vai ficar sem a nossa matéria-prima.

(Oscarino Braga, artesão)



Limite de área sob concessão florestal na Flota do Paru. Foto: Luciana Gonçalves de Carvalho

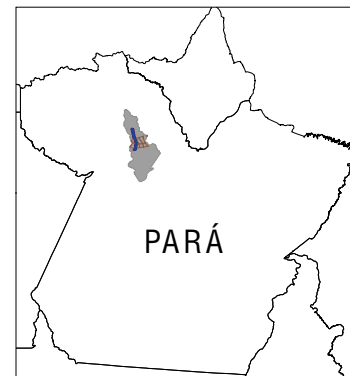
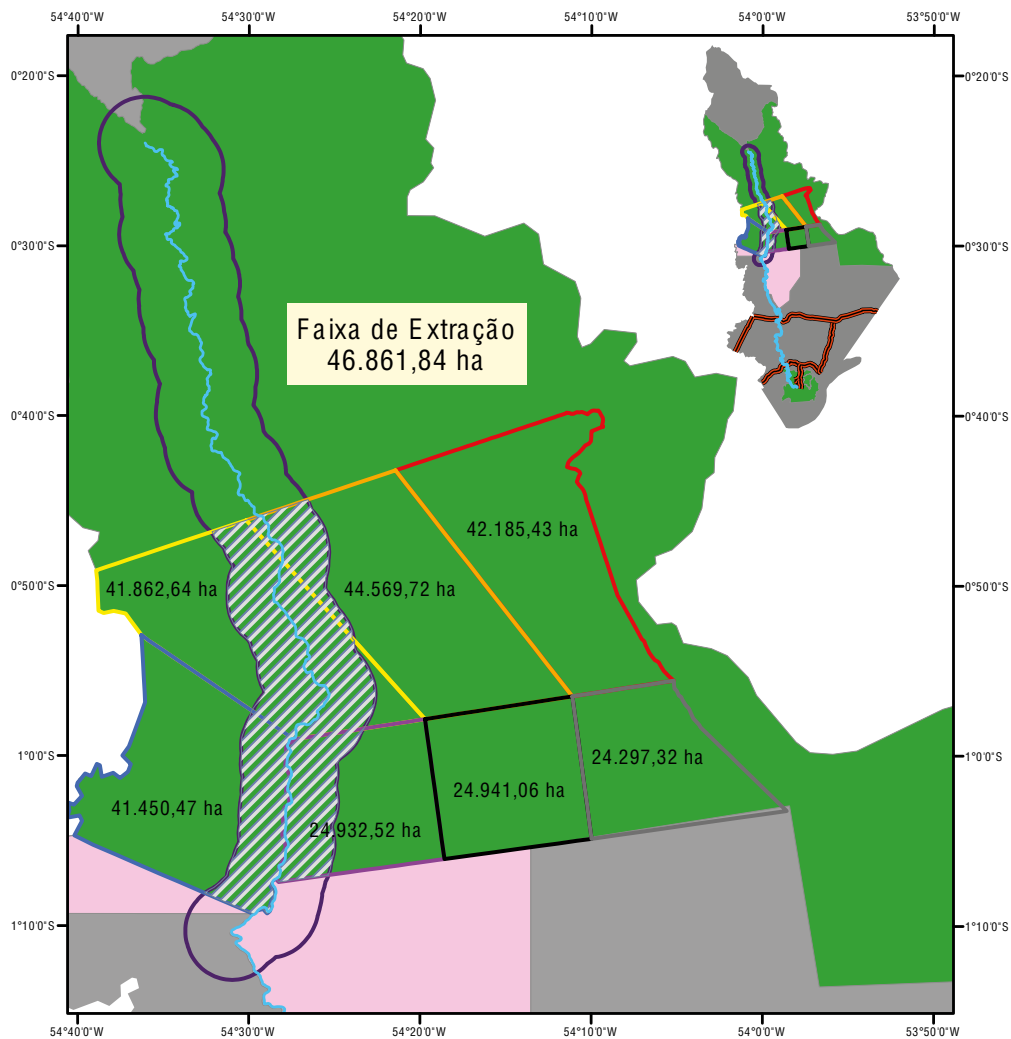
41

Até 2017, 434.708 hectares da Flota do Paru, abrangendo os municípios de Almeirim e Monte Alegre, foram disponibilizados em editais públicos de concessão florestal. Toda essa extensão de florestas se divide em nove Unidades de Manejo Florestal (UMF), sete das quais em Monte Alegre, sendo que pelo menos quatro delas sobrepõem-se a áreas onde, segundo os balateiros, se situam importantes balatais.

Esse espaço aí é onde as balateiras se concentram, onde são os pontos da gente trabalhar. E por que queremos essa área grande? Porque o balateiro, quando ele chega no tempo do trabalho dele, ele vai para o local explorar.

Então, vamos para o Onorato esse ano, vai ser um ponto de trabalho; no outro ano que a gente for, nós não vamos mais para Onorato, nós vamos passar para outro lugar acima de Onorato, porque lá, só com vinte anos, a gente vai tocar naquela madeira de novo.

(José Santana, Zeca, balateiro)

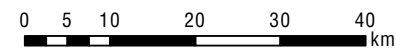


Legenda

- Sede Municipal
- Estradas
- Rio maicuru
- FLONA Mulata
- FLOTA Paru
- Monte Alegre
- Área de Ocorrência das Balateiras
- Faixa de extração das balateiras
- UMF no.9
- UMF no.8
- UMF no.7
- UMF no.6
- UMF no.5
- UMF no.4
- UMF no.3

*UMF - Unidade de Manejo Florestal

Escala Gráfica



1:600.000

Projeção UTM - Fuso 21 S - Datum: SAD 69



Produzido:
Hortoflorestal de Monte Alegre

Data:
11/03/2013

Mapeamento preliminar dos balatais coincidentes com Unidades de Manejo Florestal sob concessão

Em respeito aos direitos socioambientais dos balateiros, tais como eles são previstos na Lei nº 9.985/2000, que criou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), e visando à preservação do patrimônio cultural representado pelo artesanato de balata, o Estado do Pará, por intermédio do Ideflor-bio, incluiu a balateira na lista de árvores protegidas de corte nas concessões florestais.

Por outro lado, o órgão gestor da unidade de conservação propôs aos balateiros a criação de uma entidade representativa para o estabelecimento de um Termo de Compromissos para regularização da atividade extrativista tradicional na Flota do Paru. De acordo com esse documento, a Associação dos Balateiros da Calha Norte passa a ser responsável por representar, indicar e acompanhar os indivíduos que terão direito a praticar o extrativismo de balata na Flota.

43



Transporte de toras oriundas de concessões florestais na Flota do Paru. Foto: Luciana Gonçalves de Carvalho

A balateira, se a gente extrai hoje, só com dez anos que ela começa a dar de novo. Se diminuïrem essa frota de balateiras, vai ficar difícil. (Darlindo Oliveira, artesão)

Bojó: *Até nós próprios, foi o tempo que podíamos entrar.*

Zeca: *Nós mesmos, que somos os extrativistas, que vivemos na área, temos que ser legalizados, pedir autorização e tudo. Nós que somos os primatas de lá.*

Bojó: *Tem que ter o passaporte! Ninguém tem passe livre!*

Zeca: *Estamos lutando para ver se a gente consegue o passe livre. Bojó, o que nós*

estamos debatendo aqui, é o nosso lado, estamos defendendo o nosso lado. Eles estão pedindo uma organização para que a gente possa estar tudo legal no trabalho.

(Diálogo entre os balateiros Delival Batista, Bojó, e José Santana, Zeca, em reunião para elaboração da minuta do Termo de Uso)

Tudo era farto... (José Assunção, balateiro)



Balateiro na expedição de 2012. Foto: Itajury Sena Kishi

Os extrativistas sobem o rio Maicuru rumo aos balatais a partir de janeiro, em expedições que exigem perícia na navegação e grande esforço para ultrapassar corredeiras, deslocamentos sobre o lombo de animais e muitas horas de caminhada pela floresta.

Até hoje, as subidas para os balatais são cansativas e ariscadas, mas, no passado, os desafios a vencer eram bem maiores, pois o transporte era feito em canoas a remo e a viagem durava até dois ou três meses, dependendo da distância do balatal.

A gente enchia a canoa com as mercadorias, e, na hora de partir, já não importava se ia fazer sol ou ia fazer chuva. A dificuldade era grande, demorávamos mais de mês para chegar ao balatal. As cachoeiras atrapalhavam muito. A única vantagem dessa viagem era que ganhávamos bem.

(Neuton da Silva, Orlando, balateiro)

*A gente saía daqui no remo, na vara,
carregando mercadoria nas costas.
Fazia as compras, comprava todo
o material que a gente sabia que
dava para seis meses.
(Nilo Macedo, balateiro)*

46



*Balateiros na expedição de 2010.
Foto: Itajacy Sena Kishi*



*Balateiros desviando das corredeiras por terra.
Foto: Itajacy Sena Kishi*

Alguns balataís chegaram a contar com pistas de pouso, nas épocas em que a balata era muito valorizada. O transporte aéreo, apesar dos seus custos, agilizava a produção e a tornava mais lucrativa.

A viagem com os balateiros tinha duas etapas: na primeira parte, saíamos daqui da beira de canoa. Já na segunda etapa, tinha avião, foi criado um campo de pouso, e as canoas ficavam no Maicuru ou no Lajeiro.
(Tufi Sadala, Velho Tufi, patrão)

47

As subidas eram, e até hoje são, feitas em grupos de quatro homens, em média, que são designados como turmas. Uma turma de balateiros trabalha unida por seis a nove meses durante os quais ficam totalmente isolados de suas comunidades de origem, sem contato com a casa, a família ou qualquer tipo de ajuda. Não é raro, então, que muitos balateiros se refiram aos seus companheiros de turma como irmãos.

Quando chegava a hora de ir para o balatal, o chefe de turma reunia todos os trabalhadores da balata, dava o abono, levava para o aeroporto e despachava-os. Tínhamos muita dificuldade em transportar esse pessoal, porque era preciso alugar avião. Quando lá chegavam, iam para o campo de pouso onde tinha um barracão que era o campo de apoio.
(Raimundo Braga, Dico, comerciante)

Não tínhamos conflitos, éramos como irmãos. Cada qual tinha o que era seu para não pegar do outro. Só se emprestava a espingarda.
(Manoel Ferreira, Manezinho, balateiro)

Em relação aos locais de trabalho, como o grupo de balateiros ativos é pequeno, hoje em dia, eles mesmos definem juntos o balatal que vão explorar. Porém, quando havia centenas de extrativistas a serviço de vários patrões, a escolha das chamadas “colocações” era feita por sujeitos contratados especificamente para esse fim: os exploradores, que subiam o rio antes da época de corte para verificar os melhores locais para instalar as turmas do patrão.

Eu fui para locais onde há muita balata.

48 *A gente era contratado até para pesquisar onde tinha balata. Eles aviavam o material, alimentos como café, açúcar e cinco alqueires de farinha. E assim eu fui para balatais no igarapé do Corocal, no Rio Paru; para o Rio Jari, em Almeirim; nos igarapés Carapaúba e Bela. O chefe de turma me mandava verificar onde tinha balatal.*
(Sebastião Lobo, balateiro)

Enquanto estão no balatal, as turmas de extrativistas vivem em tapiris, acampamentos improvisados na floresta que lhes servem de casa, abrigo e espaço de trabalho ao mesmo tempo.

Logo que a gente chegava, cuidávamos de fazer nosso abrigo. Era uma tapera, coberta de palha de najá.

(Raimundo de Cristo, Mimo, balateiro)



Tapiri. Foto: Itajury Sena Kishi

O nosso acampamento era feito de palha. Derrubávamos a palheira, armávamos a casa de madeira e a cobríamos com as palhas.
(Manoel de Castro, Luís Severo, balateiro)

Sua alimentação compõe-se de peixes, caças, frutos e outros produtos florestais, além das poucas provisões (farinha, sal, café e açúcar, por exemplo) que levam para o balatal.

49

Para a gente se alimentar, matava bando de porco e salgava. Caçava muito bicho. Além da caça, tinha lugar que tinha fruta: uxi, castanha, a fruta da balateira. A gente caçava e pescava bastante.
(José Rodrigues dos Santos, Arara, balateiro)



*Refeição dos balateiros na expedição de 2012.
Foto: Itajury Sena Kishi*



Pescado dos balateiros. Foto: Itajury Sena Kishi

A alimentação do dia a dia era cozido, assado ou frito. Tudo na lata. Era veado, caititu, queixada, mutum. Serviam para comer. Um tempo daqueles, não tinha mais nem sal nem farinha, quando então matamos uma cuamba, e, para não morrer de fome, acabamos comendo assada sem sal e sem farinha mesmo.
(Manuel da Silva, Dudé, balateiro)

50

A gente levava remédio, mas, se desse febre, eu não saberia nem que remédio tomar. Muita gente morreu no balatal. Tínhamos ampola de penicilina, mas não tinha quem aplicasse. Chegávamos até a beber a ampola.
(Pedro Vasconcelos, Pedro Bandeira, balateiro)

Também carregam consigo medicamentos, pólvora e outros itens dos quais podem precisar em situações de emergência.

Hoje o trabalho é tão duro hoje como foi no passado.

Lá a gente ainda encontrava frutas que serviam para alimentação: cacuí, cacau, abacaba, açai... E também peixes e caça. A gente andava pela mata e encontrava tatu, anta, cuamba, queixada, caititu, veado, cutia, mutum, jacu. Havia muita caça. Usávamos uma lata para cozinhar os alimentos.
(Domingos Maia, Se Quiser, balateiro)



Medicamentos para a expedição de 2012.
Foto: Luciana Gonçalves de Carvalho

51

A gente começava a trabalhar às seis horas da manhã e parava por volta das duas da tarde até as seis horas da noite. Lá não tinha diversão, era só trabalho. [...] A vantagem era que, quando a gente estava lá, dava muita vontade de trabalhar porque dava dinheiro. Como a gente trabalhava no centro do balatal, não

*tinha fruta, nem peixe, apenas algumas caças, e às vezes a gente passava fome. Da saúde era Deus quem cuidava.
(Columbiano Gama, balateiro)*

*Saíamos do acampamento para o balatal às seis horas da manhã. Só quando chovia é que a gente não ia para o mato. Quem voltava primeiro fazia a comida. No mato, cada um ia para um lado e só se encontrava de novo às seis da tarde, no barraco. Era trabalhando das seis às 18. Lazer, era cantiga de sapo, era rabo de terçado na mão todo dia!
(Luís Antônio Vasconcelos, Jacurutu, balateiro)*

Cada balateiro trabalha sozinho na produção de balata, mas os cuidados com o tapiri e com as refeições são divididos por todos. Da mesma forma, um auxilia o outro no dia a dia e, principalmente, em caso de doenças e acidentes.

*Certo dia, eu me engatei numa pedra.
E só Deus mesmo que me livrou
dessa, porque os meus companheiros
não sabiam onde eu estava preso.
Quando consegui boiar,
foi então que eles conseguiram me pegar.
Eu já estava com a barriga cheia d'água
e eles tiveram que me virar para poder
derramar água de dentro de mim. Passei
oito dias sem trabalhar tomando injeção.
Os meus companheiros me trataram
muito bem. Eles me carregavam até*

*nas costas. Na mata, é duro quando não se
encontra um companheiro bom.*

(Manoel Ferreira, Manezinho, balateiro)

Os meses passados na floresta rendem aventuras e histórias das quais todo balateiro se lembra. Caçadas, encontros com índios e visagens (aparições de vultos) são os temas preferidos dessas narrativas.

*Quando a balata não era trazida de
jangada até a cidade, vinha tudo de avião.
Foi numa dessas viagens de avião que eu
tive mais medo: o piloto levou seis blocos
de balata. O avião teve problemas no
meio da viagem e precisou voltar, mas
não acertou a pista e caiu no rio. Até hoje
eu não sei se o piloto morreu ou não.*

(Almerindo Freitas, Sanfoneiro,
balateiro)

Nosso lazer eram as festas que os índios faziam. A gente ficava só olhando. Não tínhamos medo, porque eram índios mansos. Eles faziam comida assada para a gente, e comíamos com eles.
(Francisco Braga, balateiro)

53 *Certa vez peguei uma catapora. O mais complicado no balatal é que, quando a gente adocece, não tem como voltar. Também era ruim levantar de madrugada e enfrentar a ianga que aparecia por lá assoviando. A ianga é um bicho invisível, que fica assoviando. Ela bate no cachorro, dá pisa em cachorro e a gente não vê.*
(Adelson Macedo, Capiança, balateiro)

Na maioria dos casos, lembranças boas são relatadas, até mesmo de momentos de medo, mas, às vezes, elas dão lugar a narrativas de acidentes e perdas irreparáveis.

Nessas nossas expedições, passávamos por muitas aventuras. Certa vez eu fui dormir no barraco velho, e quando chegou a noite, apareceu a tal da curupira. Ela mugia igual a um boi. Nós logo cuidamos de fazer fogo para espantar o animal. Então, ela voltou pelo mesmo lugar que veio. No início ficamos sem saber o que era, mas minutos depois, ela bateu a sapopema: "pi-pi..." Olha o que era: a curupira.
(Portácio Martins, Puruca, balateiro)

Não posso dizer nada de bom desse serviço, passávamos muita dificuldade [...] Durante a nossa primeira expedição, passamos por um alagamento. Foi tão feio que perdemos um companheiro nosso, o Zé Santiago. Só o achamos mais lá em baixo. Também perdemos uma panela de queixada. Era a nossa primeira viagem, e, para nosso azar, perdemos tudo. Tivemos que voltar para buscar mercadoria e só assim poder voltar ao balata.

(Pedro Pereira, balateiro)

Apesar das dificuldades e dos riscos que correram e ainda correm, a maioria dos balateiros ama os balatais e os vê como lugares de fartura, saúde, paz e prosperidade, dos quais sentem saudade, até o ponto de sonhar que estão pendurados nas árvores cortando balata.

O tapiri era nossa morada, era feito de palha de injá, só com uma coberturazinha. Barraco de plástico era só para passar a noite. Nossa alimentação era café, às vezes mingau de arroz com leite de balata. Tinha semana que passávamos só na farinha porque não tinha tempo de caçar! Encontrávamos e tirávamos fruta para comer. Até a fruta da balata eu usei! Minério também se encontrava, mas era só ametista e nós não tirávamos. E tinha muito peixe e muita caça. Para lá você sente o perfume da manhã, de flores. Tudo aquilo é uma beleza...

(Luís Antônio Vasconcelos, Jacurutu, balateiro)

A balata não tinha ciência nem segredo.

(Antônio Barbosa,
Pixuna, balateiro)

55

*Nas balateiras fazíamos corte, recorte
e tricorte. Os tipos de balata variavam.
Ela era mansa, quando o produto
era bom, ou braba, que não é boa,
também chamada balata jacaré,
que dava de uma árvore preta.*
(Sebastião Lobo, balateiro)



Esporas e cabo de aço. Foto: Alexandre Nazareth da Rocha

O leite da balateira é extraído por meio de cortes de terço em forma de espinha de peixe, de baixo para cima, no tronco e até em galhos altos e grossos.

Para escalar a árvore, o balateiro usa na cintura, um cinturão regulado por chavetas e acoplado a um cabo de aço; e nos pés, botas, caneleiras de proteção e esporas de aço para cravar a madeira e ajudar na fixação.



Delival Batista, Bojô, cortando uma balateira. Foto: Itajury Sena Kishi

Então, eu aprendi a costurar e fui eu que preparei toda a roupa dele [do marido, Anísio]. A roupa era de brim e de mescla. Agora, é jeans. Era um tecido grosso, do tipo que se usava para trabalhar na roça. Manga comprida, calça comprida, aquele boné redondo na cabeça. Eles usavam

bota, espora, cinturão e arame. E esse era um arame grosso que era para jogar na balateira para subir. Eles se apumavam com a espora e jogavam o arame. É aço aquilo. (Verônica Silva, viúva de balateiro)

Subindo e descendo, o extrativista corta várias balateiras por dia. No pé de cada uma delas fica um embutidor — saco de pano impermeabilizado por dentro com a própria balata — para aparar o látex que escorre pelos cortes. Quando os embutidores estão cheios, toda a balata recolhida é vertida no carregador — um saco semelhante, porém, maior — e transportada para o acampamento.

Para fazer a extração da balata não tinha hora certa. Saíamos no escuro e chegávamos no escuro. Tudo começava com a retirada do leite.

57

(Manoel Costa, balateiro)

Cortava uma balateira, deixava o saco aparando o leite e ia para outra. Encauchava os sacos com a balata. Vinha de lá e colocava o leite no tanque. Depois que enchesse o tanque, cozinhava.



Detalhe de bota e espora.

Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

Colocava no puxador, colocava na forma para fazer o bloco. Colocava um pau no meio para ficar o buraco, para então colocar o arame para rebocar depois. Amontoava os blocos prontos.

(Luís Antônio Vasconcelos, Jacurutu, balateiro)



58

*Tacho e ferramentas de trabalho.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan*

O leite é cozido em tachos de ferro até ficar pastoso, pegajoso e elástico. Ainda quente, essa pasta é estendida sobre paus apoiados em forquilhas para puxar (sovar), espichar e, por fim, lavar. Então, o produto é depositado em uma espécie de caixa ou forma impermeabilizada, atravessado por um torno de pau — para fazer um furo cilíndrico no centro do bloco, quando ele endurecer.



*Balateiros na expedição de 2012.
Foto: Itajury Sena Kishi*

Em cerca de três dias, a balata endurece formando blocos de 50 quilos em média. Para controle da produção individual, cada um deles é ferrado com as iniciais do nome do seu produtor.



*Detalhe dos blocos ferrados.
Foto: Carlos de Matos Bandeira Júnior*

Do acampamento até a beira do igarapé, onde pegam a embarcação de volta para Monte Alegre, os balateiros transportam os blocos nas costas. Devido ao peso, arriam a carga de tempos em tempos. As distâncias percorridas nesses intervalos chamam-se estações. Como alternativa para tornar menos penoso o trabalho, podem alugar animais de carga para fazê-lo, pelo menos em alguns trechos do percurso.



*Animal carregado com blocos de balata.
Foto: Itajury Sena Kishi*

Também o trabalho era muito arrebentado. Subindo serra grande, com a balata na costa. A gente tinha que carregar toda a balata... Tinha trecho com 30, 40, 60 estações. A estação era o seguinte: carregava os blocos daqui até ali, baixava tudo. Era uma estação. Dali, continuava a viagem, do mesmo modo, com quantas estações fossem, até chegar na beira do rio.

(Manoel de Cristo, Luci, balateiro)

Os blocos são amarrados uns aos outros, formando linguadas que, por sua vez, perfazem um matulão.

Fazia um filão de blocos, uma lingada. Fazia as boias para trazer os blocos, eram 20 ou 30 numa lingada. No rio a gente fazia um matulão, que era um cabo de aço onde prendia umas dez lingadas. Colocava na água, enquanto a balata boiava no igarapé, alguns iam na frente e outros atrás, levando ela até aparecer no rio grande.

(José Maria de Macedo, balateiro)

Os matulões, presos às embarcações, são transportados de *bubuia* rio abaixo até a cidade.

Carregávamos os blocos até a grotta, e levava para a água. Quando chegávamos no igarapé maior, a gente colocava o arame, a boia e depois era só rebocar.

(Manoel Aranha, balateiro)

61



Blocos para serem embarcados. Foto: Itajacy Sena Kishi



*Balateiros ultrapassando corredeira do rio Maicuru.
Foto: Itajacy Sena Kishi*

Tinha que enfiar a balata no arame emboiado e fazer um matulão. Feito isso, a gente tinha que carregar os blocos na popa da canoa e colocar na água. Acabada a extração, vínhamos todos de canoa.
(Orivaldo Macedo, Triste, balateiro)

Eu também era escafandrista. Mergulhava no fundo do rio para pegar a balata presa nas pedras. E gostava muito disso, apesar de ser muito perigoso.
(Manoel Ferreira, Manezinho, balateiro)

Baixar o rio é, sem dúvida, menos penoso que subir seu curso.

De lá para cá era muito bom, todo santo ajuda até a água rebocando os blocos de balata. Só tínhamos dificuldade de sair de manhã arrastando um arame pesado com os blocos na mata e na lama.
(Francisco Macêdo, Chico Papagaio, balateiro)

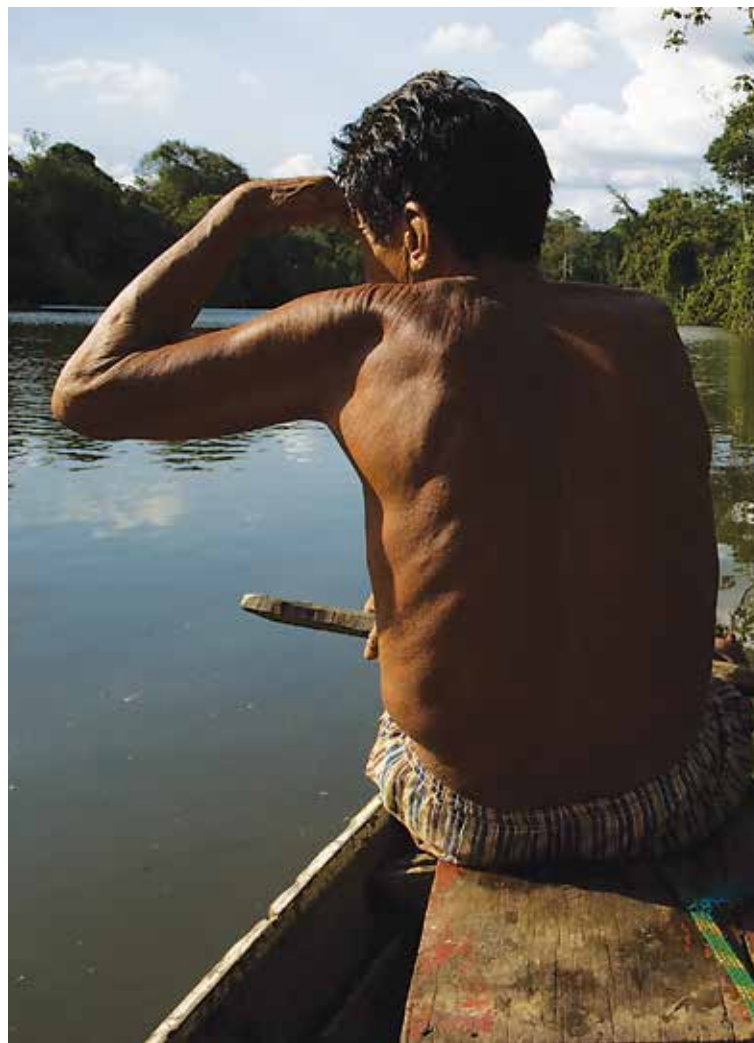
Entretanto, a baixada também tem seus perigos. Com frequência, as lingadas de balata engatam nas pedras e os blocos se perdem, afundados nas corredeiras, onde é arriscado buscá-los de volta.

Uma vez, nós vínhamos arriando uma balata. Então, ela arriou num lugar chamado Portãozinho e a balata amontoou. Eu fui lá na pedra e sacudi, sacudi, sacudi... Com a força que deu, a balata soltou da pedra, e eu acabei caindo, me agarrei na pedra, e a balata ficou passando pela minha costa.

Para eu poder sair de lá, os parceiros tiveram que jogar um cabo para eu sair da pedra, porque tinha um buracão lá e a correnteza era forte!

*(Luís Antônio Vasconcelos,
Jacurutu, balateiro)*

63



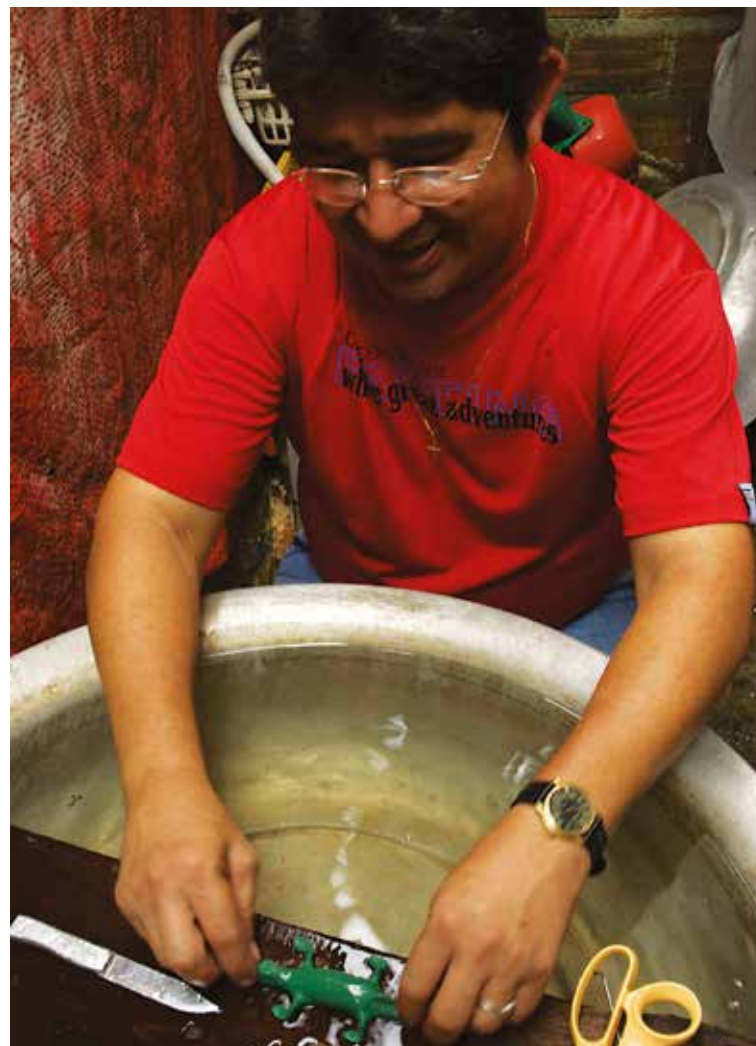
*Pedro Ferreira, o Pão (in memoriam) no rio Maicuru.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan*

João Boi foi meu segundo pai.

(Paulo Baía, artesão)

64

Hoje em dia, a balata extraída em Monte Alegre destina-se, quase na totalidade, à modelagem de miniaturas de animais e personagens representativos da Amazônia. Esse artesanato floresceu em Monte Alegre a partir dos anos 1970, quando o comércio da balata decaiu.



Paulo Baía modelando peça de balata.

Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

*Houve um problema comigo no rio.
Eu saí pescando, apareceu um troço de
dentro do rio, eu fui bater o pé na canoa,
aí que aquele bicho se aborreceu mesmo,
saiu atrás de mim, eu saí nadando.
Acharam que era uma mãe do rio.
Aí disseram que não era mais para deixar
eu ir na várzea, me trouxeram para a
cidade, para aprender a cortar cabelo [...]
65 Muitos balateiros eu conheci por causa
da minha profissão. Eles chegavam
barbados [...] Tinha esse balateiro, o
nome dele era João Fernandes, apelido
de João Boi. Ele era artesão e balateiro
também, ia para o balatal e chegava,*

*trabalhava, trabalhava. Às vezes ele
dava um pedacinho para um. O primeiro
foi aprendendo, depois veio o segundo.
Muita balata, não tinha necessidade
de ir atrás de balata! Quando eles foram
aprendendo, ele começou a ficar ruim
com eles, porque eles podiam entrar
no comércio dele. Nessa idade eu já
tinha mais uma força, mandava tirar
balata. Eles: “Nós vamos trabalhar na
tua casa, tu compras balata para nós?”
Então, eu comecei o artesanato em
1969 e fui obrigado a abandonar a
profissão de cabelo.
(Osvaldo Leonel, artesão)*



Osvaldo Leonel preparando a balata.

Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

João Boi e Seu Beja já faziam miniaturas com parte dos blocos que não eram vendidos, e, por influência deles, alguns jovens aprenderam o ofício.

Comecei a aprender o artesanato, nem sabia que era artesanato. Caía pedaço de balata no trapiche, eu pegava e levava para casa, e ficava moldando. Arrancava essa balata de blocos que ficavam no trapiche para exportação. Não sabia fazer direito! O finado Cutambo, que ia na casa do seu João Boi, olhava para mim e me dizia como fazia. A gente era menino, tinha dez ou doze anos. Eu não ia lá, o seu João Boi não deixava a gente olhar. (Antônio Braga, Pitonho, artesão)

Aos dez anos de idade eu comecei a trabalhar com balata. Aprendi olhando o seu João Boi. Ele trabalhava no fundo do quintal da minha casa. Quando ele saía, eu roubava balata dele para aprender a fazer. Peguei o gosto e comecei a trabalhar e a vender para os navios que passavam para Manaus, e disputava com os outros colegas que também aprenderam nessa época a vender os bichinhos de balata em Monte Alegre. Então, passei dos dez aos quinze anos em Monte Alegre fazendo isso.
(Darlindo Oliveira, artesão)



*Antônio Braga (Pitonho) modelando peça de balata.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan*

Os jovens artesãos começaram a carreira vendendo suas peças nos navios que atracavam no porto de Monte Alegre e, aos poucos, passaram a vendê-las na capital. Depois que o primeiro migrou para Belém, não tardou para que os demais o seguissem. Hoje, são quatro que vivem e trabalham nessa cidade, vendendo miniaturas de balata em lojas de artesanato, feiras regulares e pontos turísticos.

Aprendi com o Pitonho, boa parte com ele. Depois fui aprender com o Baía. Eu tinha dezoito anos quando aprendi. Em Monte Alegre, eu lavava carro na beira do rio até os dezessete. Com dezoito vim para Belém morar com meu irmão Pitonho. Ele trabalhava com a balata e eu ficava trabalhando com ele.
(Oscarino Braga, artesão)

68

Os artesãos monte-alegrenses distribuem-se hoje na cidade de origem, em Santarém e em Belém, e seu ofício foi declarado parte do patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado do Pará pela Lei nº 8.073/2014.

Eu estava em Monte Alegre. Fiz um monte de cavalinho lá e trouxe para vender aqui. Naquele tempo eu tinha uns quatorze anos. Comprei uma bicicleta e levei para Monte Alegre. Fiquei lá mais dois anos, depois vendi minha bicicleta e vim embora para Belém. Vim para cá com dezesseis anos. Morava com uma irmã e fui vivendo só de balata. Até hoje vivo só de balata, criei meus filhos só com o dinheiro de balata.

(Antônio Braga, Pitonho, artesão)



Pirarucu.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan



Índios com pilão.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

69



Artesanato de balata.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan



Tatu.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

*Procuro sempre
inovar.*

(Darlindo Oliveira, artesão)

70

Na produção de artesanato de balata, o bloco é cortado em pequenos pedaços que são levados ao fogo, sob água fervente, para cozinhar até formar uma massa pegajosa.



Cozimento de pedaços de balata.

Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan



71

*Oswaldo Leonel lavando a balata.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan*



Essa massa é lavada com água fria, ao mesmo tempo que é amassada com os pés, de modo a retirar resíduos e impurezas trazidas da floresta (galhos, folhas e gravetos, por exemplo).

A balata limpa é cozida até amolecer, ficando elástica e maleável. Dentro de uma bacia com água fria, peças diversas são modeladas.

Conforme esfriam, as peças vão endurecendo e recebem acabamento, com incisões e outros detalhes de acordo com o gosto do artesão que, de tão acostumado à modelagem da balata, às vezes nem olha o que tem em mãos.

*Se eu fizer 100 cavalinhos, mesmo sem olhar, pode acreditar que sai tudo igual.
(Luiz Carlos Baía, artesão)*



Oscarino Braga modelando cobra de balata.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan



Peças de balata.
Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

O repertório é variado: sapos, cobras, botos, peixes-boi, pirarucus, muraquitãs, búfalos, cavalos, corujas, tucanos, araras, tatus, porcos-espinhos, arraias, macacos, tartarugas, índios em canoas, catadores de açaí, vaqueiros e outras figuras da Amazônia. Os artesãos não param de enriquecer o repertório com novidades, que incluem desde animais exóticos (elefantes e girafas, por exemplo) até miniatura da Virgem de Nazaré e crucifixos.

Graças ao seu vigor, em 2012, no escritório da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em Montevidéu, Uruguai, o artesanato de balata, representado pela peça “Búfalo montado”, de autoria de Darlindo Oliveira, recebeu o prêmio Reconhecimento de Excelência da Unesco para os produtos artesanais do Mercosul+. O autor da peça também foi agraciado com o reconhecimento do Ministério da Cultura.

73 *Vimos embora para Belém vender balata, onde estamos até hoje, e daqui fomos para o mundo. Tenho minha casa própria hoje. Tudo comprei trabalhando com a venda e produção da balata. Sou hoje considerado mestre de ofício pelo Ministério da Cultura, como artesão de balata.*
(Darlindo Oliveira, artesão)



Darlindo Oliveira com bracelete em forma de serpente, feito de balata. Foto: Alexandre Nazareth da Rocha

Vivo só de balata.

(Antônio Braga,
Pitonho, artesão)

74



Índio na canoa.

Foto: Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/Iphan

Artesãos e balateiros são personagens distintos na cadeia produtiva do artesanato de balata, cuja continuidade depende do fomento das atividades de ambos os grupos. Por um lado, é imprescindível a proteção dos direitos socioambientais dos extrativistas, que pressupõem: garantias de acesso à Flota do Paru; proibição de corte da balateira, principalmente nas áreas sob concessão florestal; apoio ao extrativismo de balata, com valorização do produto florestal não madeireiro e incentivo à formação de novos balateiros. Para isso, os mansos (experientes) procuram levar, a cada expedição, pelo menos um brabo (iniciante) para aprender a lida nos balatais.

Pega o teu capital, depois que pegar o conhecimento, faz que nem eu, eu quero entregar para vocês, novos, que é para vocês tomarem de conta, que eu já estou coroa. Vocês já vão comandar, eu fico só aplaudindo e dando patrocínio, indo lá, mas eu ainda aguento.

(José Santana, Zeca, balateiro)

Os artesãos, por sua vez, têm buscado financiamento para projetos de apoio ao artesanato de balata e feito sua parte na transmissão desse saber-fazer, principalmente por meio do repasse para filhos e familiares mais jovens, assim como para aprendizes em geral durante oficinas.

Já começamos a fazer oficina para ensinar outras pessoas dentro de Monte Alegre. Fizemos um grupo de dezesseis pessoas, e tem três rapazes e duas meninas que se saíram muito bem, fazendo balata dentro de três dias, fazendo quase perfeito.
(Oscarino Braga, artesão)

Paralelamente a essas ações, balateiros e artesãos buscam acordos quanto às formas de obtenção da balata, agora com base em um sistema de comércio independente do aviamento, e que valorize o trabalho extrativista.

Antigamente, eram dois blocos de balata por um salário mínimo. Tem que aumentar o preço pago ao balateiro, senão esse artesanato vai acabar, se ninguém for mais tirar balata.
(Antônio Braga, Pitonho, artesão)



*José Santana, Zeca, no rio Maicuru.
Foto: Itajury Sena Kishi*



*Delival Batista (Bojó).
Foto: Alexandre Rocha*



*Manoel Barbosa (Chato).
Foto: Victória Bastos*



*Francisco Macêdo
(Chico Papagaio).
Foto: Cláudia Seixas*



*Maria Sabina de Magalhães. Foto:
Carlos Bandeira Júnior*



*Dionísio Torres.
Foto: Keiliane Bandeira*



Luis Antonio Vasconcelos
(Jacurutu).
Foto: Keiliane Bandeira



Domingos Pereira (Camburão).
Foto: Cláudia Seixas



Nilo Macedo.
Foto: Keiliane Bandeira



José dos Santos (Arara).
Foto: Keiliane Bandeira

77



Antônio Barbosa (Pixuna). Foto:
Keiliane Bandeira



Pedro Ferreira (Pão).
Foto: Carlos Bandeira Júnior



Daniel Guariguasi.
Foto: Keiliane Bandeira



Columbiano Gama.
Foto: Cláudia Seixas



*Orlando da Conceição (Lambiá).
Foto: Cláudia Seixas*



*Raimundo Santana (Debeira).
Foto: Cláudia Seixas*



*Francisco Braga
(Chiquinho Braga).
Foto: Cláudia Seixas*



*Raimundo dos Santos (César).
Foto: Keiliane Bandeira*

78



*Nelson Batista (Negão).
Foto: Carlos Bandeira Júnior*



*Manoel Ferreira (Manezinho).
Foto: Carlos Bandeira Júnior*



*Raimundo de Cristo (Mimo).
Foto: Carlos Bandeira Júnior*



*Francisco Pereira.
Foto: Carlos Bandeira Júnior*



*Adelson Macedo (Capiça).
Foto: Carlos Bandeira Júnior*



*Raimundo Meireles (Cambito).
Foto: Carlos Bandeira Júnior*



*João da Conceição.
Foto: Alexandre Rocha*

79



*Elói Monteiro (Maroca).
Foto: Carlos Bandeira Júnior*



*Portácio Martins (Puruca).
Foto: Keiliane Bandeira*



*Luminato dos Santos.
Foto: Alexandre Rocha*



*Edinaldo dos Santos (Museu).
Foto: Alexandre Rocha*



*Manoel Aranha.
Foto: Keiliane Bandeira*



*Manoel de Cristo (Luci).
Foto: Carlos Bandeira Júnior*



*José Lourenço Pereira
(Zé Arigô).
Foto: Victória Bastos*



*Francisco de Lima (Neuton).
Foto: Victória Bastos*



*Francisco Caldas (Mandinho).
Foto: Cláudia Seixas*



*João Bandeira (Carré).
Foto: Victória Bastos*



*Moisés Gomes.
Foto: Cláudia Seixas*



*José Maria de Macedo.
Foto: Victória Bastos*

81



*Pedro Vasconcelos
(Pedro Bandeira).
Foto: Victória Bastos*



*Francisco Nogueira (Te Fuma).
Foto: Cláudia Seixas*



*Manuel da Silva (Dudé).
Foto: Cláudia Seixas*



*Manoel de Castro
(Luís Severo).
Foto: Cláudia Seixas*



*Almerindo Freitas (Sanfoneiro).
Foto: Victória Bastos*



*Manoel Costa.
Foto: Victória Bastos*



*Manoel de Moura
(Pombo Roxo).
Foto: Victória Bastos*



*Manoel dos Santos (Duca).
Foto: Victória Bastos*

82



*Benjamin Braga (Beja).
Foto: Cláudia Seixas*



*Verônica Silva.
Foto: Cláudia Seixas*



*Pedro Pereira.
Foto: Cláudia Seixas*



*Domingos Maia (Se Quiser).
Foto: Cláudia Seixas*



*Juraci da Silva (Paçoca).
Foto: Victória Bastos*



*Sebastião Lobo (Sabiá).
Foto: Alexandre Rocha*

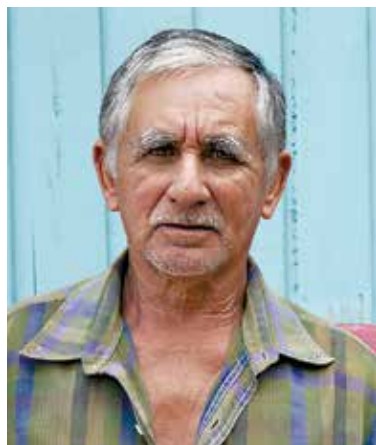


*José Santana (Zeca).
Foto: Alexandre Rocha*

83



*Serafim Meireles (Sará).
Foto: Cláudia Seixas*



*Orivaldo Macedo (Triste).
Foto: Cláudia Seixas*

Referências

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **Memórias de trabalho**: balateiros de Monte Alegre, Rio de Janeiro: IPHAN, 2011.

_____. Relações de Trabalho nos Balatais do Pará. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 19, nº 39, p. 373-400, jan/jun. 2013a.

_____. Dor de balateiro é igual dor de mulher esquecida: memórias dos balatais do Pará. **Vivência**. Natal, nº 42, pp. 89-100, 2013b.

INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-SOCIAL DO PARÁ. **Breve informação sobre a balata no Pará**. Belém, abr. 1986. Datilografado.

LE COINTE, Paul. **Árvores e plantas úteis**. São Paulo: Nacional, 1947.

LINS, Cristóvão. **Jari: setenta anos de história**. Rio de Janeiro: Dataforma, 2001.

LOPES, Paula Morgado. **Pluralismo médico Wayanã-Aparai**: uma experiência intercultural. 1994. 272 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, **São Paulo**, 1994.

MEIRA, Sílvio. **Os balateiros do Maicuru**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1984.

MIYAZAKI, Nobue; ONO, Morio. O aviamento na Amazônia. **Sociologia**, v. 20, nº 4, p. 530-563, 1958.

SANTOS, João. **Crônicas do Monte**. Monte Alegre: Prefeitura Municipal de Monte Alegre, 1980.

SIMONIAN, Lígia. **Mulheres da floresta amazônica**: entre o trabalho e a cultura. Belém: NAEA/UFPA, 2001.

_____. Relações de Trabalho e de Gênero nos Balatais da Amazônia Brasileira. In SHERER, E. E OLIVEIRA, J. A. DE (Orgs.). **Amazônia: políticas públicas e diversidade cultural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SOUZA, Brenda Rúbia de. **Usos e sentidos sociais, econômicos e culturais do extrativismo de balata na Floresta Estadual do Paru**. Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais na Amazônia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

Exposição Balata: natureza e cultura de Monte Alegre

Realização

Universidade Federal do Oeste do Pará

Reitora

Raimunda Nonata Monteiro

Vice-Reitor

Anselmo Alencar Colares

Campus de Monte Alegre

Administrador

Raimundo Ivo Ferreira da Silva

Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão

Pró-Reitor

Thiago Almeida Vieira

Programa de Extensão Patrimônio Cultural na

Amazônia (Proext/MEC)

Coordenadora

Luciana Gonçalves de Carvalho



PEPCA

Proext/MEC



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Ficha Técnica

Concepção e texto

Luciana Gonçalves de Carvalho

Coleta de peças

Marcelo Araújo da Silva

Fotografia

Alexandre Nazareth da Rocha

Carlos de Matos Bandeira Júnior

Cláudia Seixas

Francisco Moreira da Costa (CNFCP/Iphan)

Itajacy Sena Kishi

Itajuri Sena Kishi

Keiliane Bandeira

Luciana Gonçalves de Carvalho

Victória Ananda Bastos

Design

Claudia Duarte

Produção

Alexandre Nazareth da Rocha

Pré-edição de texto

Juliana Cardoso Fidelis

Revisão de texto

Fernanda Silveira

Ação educativa

Ana Paula Araújo (Pibic/Fapespa)

Foto da capa

Pedro Ferreira, o Pão (*in memoriam*), na balateira

Autor: Francisco Moreira da Costa

Acervo CNFCP/Iphan

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

E96e

Exposição Balata: natureza e cultura de Monte Alegre. / Luciana Gonçalves de Carvalho – coordenadora; fotos de Alexandre Nazareth da Rocha, Carlos de Matos Bandeira Júnior, Francisco Moreira da Costa, Itajacy Sena Kishi e Itajury Sena Kishi; revisão de Fernanda Silveira. Santarém: UFOPA, 2017.

82 fls.: il.

Inclui bibliografias.

ISBN 978-85-65791-23-6

Realização: Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Cultura, Comunidade e Extensão, Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia.

1. Catálogo - exposição. 2. Balata. 3. Monte Alegre, Pa. I. Carvalho, Luciana Gonçalves de, coord. II. Título.

CDD: 23 ed. 634.43098115

Bibliotecário – Documentalista: Eliete Sousa – CRB/2 1101

Se for se falar de tudo
Como era no passado
Dias de glória floridos
Muito ditosos e animados
A presença balateira
Dava conta do recado

*(Trecho do cordel Os Balateiros,
de Raimundo Benedito da Silva)*



PEPCA

Proext/MEC



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

